

Salve-Rainha

Mãe de Misericórdia

Maria é mãe de misericórdia pelo sim incondicional a Deus. Com ela aprendemos a ser verdadeiramente discípulos de seu filho Jesus

Ivonete Kurten, fsp *



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Em maio, celebramos, na Igreja Católica, o mês mariano. Maria é a Mãe, que visita todas as famílias e comunidades, portanto, é um tempo oportuno para o anúncio de Jesus Cristo, trazendo à memória emocional orações que desde pequenos aprendemos no colo de nossas mães, bem como a Salve-Rainha.

Quando rezamos o conteúdo desta oração nos seus aspectos bíblico, teológico e pastoral, percebemos o lugar de Maria no projeto de salvação. Ela nos ajuda a compreender que só a conheceremos se trilharmos os caminhos de seu Filho Jesus. A profundidade de sua vida se revela quando vivenciamos os Mistérios da Vida, Morte e Ressurreição de Jesus. A oração da Salve-Rainha nos leva a viver a nossa vocação de discípulos missionários de Jesus, tendo como modelo a vida de Maria de Nazaré.

Essa foi a experiência de Hermano Contracto, monge beneditino, a quem é atribuída a autoria da oração Salve-Rainha, por volta de 1050, no Mosteiro de Reichenau, no Sacro Império Romano-Germânico. Segundo a Tradição, Hermano, passando por muitos sofrimentos, rezou em sua cela, diante de um quadro de Nossa Senhora, por quem tinha uma devoção especial. Em seu coração, nasceu a prece: “Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas”.

Também nos conta a história que, nesta época, a Europa Central convivia com grandes calamidades naturais, epidemias, miséria, fome e a ameaça contínua dos povos nômades do Leste, que invadiam os povoados, saqueando-os e matando as pessoas. Em sua cela, o monge continuou a meditação e a prece: “Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre!”.

Um século mais tarde (1146), a Salve-Rainha foi cantada na Catedral de Speyer, na Alemanha, por ocasião de um encontro de

Maria é mãe da esperança e da misericórdia. Nela o Espírito Santo agiu e a Palavra de Deus se encarnou

personalidades importantes, entre elas, o imperador Conrado III e São Bernardo de Claraval, doutor da Igreja e conhecido como o Cantor da Virgem Maria, um dos primeiros a chamá-la de Nossa Senhora. Foi nesse dia e lugar que, ao concluir o canto da Salve-Rainha, cujas últimas palavras eram “mostrai-nos Jesus, o bendito fruto do vosso ventre”, no silêncio que se seguiu, São Bernardo gritou sozinho: “Ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria”. E, a partir dessa data, tais palavras foram incorporadas à Salve-Rainha original.

Proximidade de uma mãe – É importante para a nossa espiritualidade saber que, em meio a tantos sofrimentos e crises, podemos contar com o olhar materno e a proximidade de uma mãe que nos enche de esperança e renova nossa fé naquele que é o Senhor de todas as coisas e conduz a vida. Pois, desejamos experimentar, tocar e fazer experiências de Deus e sermos homens e mulheres de fé, a toda prova. Porém, isso parece algo distante de nós, achamos que só aos santos é possível. O que não nos damos conta é que Deus, mistério insondável e totalmente o Outro, deseja profundamente se relacionar conosco e diz: “Estou aqui! Estou aqui!” (Is 65,1).

Deus arranja motivos, propõe fatos alegres e, às vezes, tristes e doloridos,

para que possamos vê-lo, tocá-lo, experimentá-lo, mas estamos surdos e cegos e não o percebemos nos acontecimentos diários de nossa existência. Ele nos fala por meio de sua Palavra e da sua Igreja, mas, também, através de nós, daquilo que pensamos e sentimos, do nosso corpo, dos nossos sonhos e, ainda mais, das nossas feridas e fraquezas.

Viver a espiritualidade de um Deus que fala conosco, como falou com Maria, a mãe de Jesus, exige que nos reconciliemos com nossas feridas, que vejamos nas dores e nos sofrimentos um caminho que nos aponta para o tesouro que existe em nós, o próprio Deus. Ali onde estamos feridos e que somos nós mesmos, Deus nos encontra e nós o encontramos. É o lugar da solidão. Estamos sós, e

Deus nos convida a reconhecer que, na dor, na fraqueza, no sofrimento, na luta e no pecado, está presente e nos revela o sentido profundo do Mistério Pascal que vivemos unidos ao do seu filho Jesus.

Caminho espiritual – Entregarmos-nos totalmente nas mãos de Deus, como somos, é a meta final de um caminho espiritual feito a partir das experiências da vida cotidiana. O caminho Jesus mostrou. Ele se despojou de tudo, assumiu a condição humana e manifestou, no humano, o rosto de Deus (cf. Fl 2,6-11). Quanto mais descermos às profundezas de nossa humanidade, mais nos encontraremos com Deus, pois Ele se encarna no humano. O mês de maio nos apresenta a oportunidade de vivermos essa espiritualidade.

Maria é mãe da esperança e da misericórdia. Nela o Espírito Santo agiu e a Palavra de Deus se encarnou. Mãe da Misericórdia porque é “advogada nossa” e volta para nós os seus olhos misericordiosos, levando as nossas preces ao seu Filho Jesus.



* Ivonete Kurten, fsp, é jornalista e autora de publicações sobre Comunicação e coautora do livro *Um mês com a Rainha do céu – Refletindo a Salve-Rainha*, publicado por Paulinas Editora. E-mail kurtenivonete@hotmail.com